

**SONS E CONFRONTOS: A SINFONIA DAS ARMAS DURANTE A MISSÃO
DE PAZ NO HAITI**

**SOUNDS AND CONFRONTATIONS: THE SYMPHONY OF WEAPONS
DURING THE PEACEKEEPING MISSION IN HAITI**

VINICIUS VELOSO COUTINHO

E-mail: viniciusveloso@id.uff.br

Resumo:

O artigo a seguir pretende trazer um conhecimento a cerca da paisagem sonora dentro dos conflitos armados com os integrantes do Comando de Operações Especiais do Exército Brasileiro durante a missão de paz no Haiti realizada pela ONU. Também serão abordados os conceitos técnicos e científicos a respeito da Paisagem Sonora e parte da doutrina de Operações Especiais. Ressalta-se que o Brasil foi o país responsável por chefiar a missão em solo estrangeiro trazendo para si uma responsabilidade imensurável, considerando o envolvimento de diversas etnias com a tentativa de reestabelecer a ordem da nação.

Palavras-chave: Haiti, Paisagem Sonora, Operações Especiais, Brasil, ONU.

Abstract:

The following article intends to bring knowledge about the soundscape within the armed conflicts with the members of the Special Operations Command of the Brazilian Army during the peace mission in Haiti carried out by the UN. The technical and scientific concepts regarding the Soundscape and Special Operations will also be addressed. To emphasize that Brazil was the country responsible for heading the mission on foreign soil, bringing to itself an immeasurable responsibility, considering the involvement of different ethnic groups in an attempt to re-establish the order of the nation.

Keywords: Haiti, Soundscape, Special Operations, Brazil, UN.

O presente artigo tem por finalidade trazer a título de conhecimento uma abordagem sobre o cenário de batalha na Missão de Paz no Haiti realizada pela ONU. Sobre isso, o direcionamento fim terá como abordagem a paisagem sonora dentro dos conflitos armados envolvendo os integrantes do Destacamento de Operações de Paz, o DOPaz, unidade de elite composta por integrantes do Comando de Operações Especiais do Exército Brasileiro.

Inicialmente, para que toda a contextualização do artigo seja compreendida, tendo em vista ser um tema de considerável complexidade, ele foi elaborado a partir de revisões bibliográficas, manual de Operações Especiais do Exército Brasileiro e entrevistas com interlocutores que integraram o destacamento em solo haitiano. Em consequência, o artigo foi dividido em 3 partes com o intuito de situar o leitor a respeito dos temas que serão abordados e vão construir uma linha de raciocínio até a conclusão do trabalho. Também foi utilizada metodologia de entrevistas com militares que estiveram no Haiti, cabe ressaltar que essas conversas ocorreram durante os meses de agosto e setembro de 2021 através de aplicativo de mensagem.

O objetivo principal deste artigo é propor uma reflexão a respeito da paisagem sonora dentro de um conflito armado, tendo em vista que a guerra em si contribui para diversas mudanças no ser humano, partindo de reações comportamentais até as mentais em relação às vivências dentro de um cenário de batalha a partir do que é visto e ouvido lá. Inicialmente, abordando os conceitos sobre a Paisagem Sonora é possível entender que o ambiente sonoro está presente no cotidiano das pessoas em qualquer atividade a ser realizada, por mais sigilosa ou silenciosa que sejam. É interessante observarmos as ideias de Murray Schafer¹ sobre o ambiente sonoro e este pode ser visto como um campo de estudos. Sobre isso, Murray Schafer a define como:

Paisagem sonora – O ambiente sonoro. Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo

¹ As ideias de Murray Schafer foram desenvolvidas no final dos 1960 e início dos anos 1970 com o Projeto de Paisagem Sonora Mundial, tendo por objetivo estudar o ambiente sonoro através de um curso sobre poluição sonora. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~truax/wsp.html>. Acesso em 04/08/2021

pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como ambiente (SCHAFFER, 2001, p.366).

Entendemos acerca da importância da percepção sonora que pode ser identificada através do estudo unificado existente entre ouvinte e o lugar onde ele ocupa, extraindo a informação a respeito do ambiente e as relações possíveis que se dão a partir de sua percepção sobre os sons. Mais adiante, a teoria de James Jerome Gibson intitulada de Os Sentidos considerados como Sistemas Perceptuais de 1966, trata a respeito da audição incorporada e situada nos ambientes sonoros, acrescentando que não devemos considerar somente a função do ouvido em si, mas sim todo o sistema perceptivo que faz parte de determinado meio que trabalha para detectar e receber as informações. Também merece ênfase, a invariante transformacional elaborada por Gibson, que trata a respeito das reações comportamentais a partir de um ataque de um objeto sonoro no ambiente. Inclusive essa invariante atua podendo levar a um padrão comportamental de tal objeto especificado pelo tipo de distúrbio mecânico que o produziu (TOFFOLO, OLIVEIRA, ZAMPRONHA, 2003, p. 6).

Também merece ênfase as relações dos sons com as convivências e conexões que são proporcionadas a começar dele, seja entre as pessoas, animais ou objetos que fazem parte do ambiente sonoro. O resultado disso é uma manifestação acústica (WESTERKAMP, 1991), que caracteriza os ambientes nos quais são criadas as paisagens sonoras a partir das atitudes daqueles que habitam determinados meios e também das coisas que integram aquele espaço.

Ademais, reforçando o uso do som e analisando a paisagem sonora que também possui outra qualidade negativa quando se trata dos malefícios que os homens fazem uns aos outros se tratando a respeito dos conflitos armados. Os sons nesses ambientes deixam marcas pelo resto da vida naqueles que vivenciaram, presenciaram e ouviram os tiros, os gritos de dor e desespero, o rugir dos canhões, o ressoar das metralhadoras e até mesmo as súplicas pela morte. Sobre isso, a paisagem sonora merece destaque, pois se trata de qualquer ambiente sonoro ou qualquer porção do ambiente sônico visto como um campo de estudos, podendo ser esse um ambiente real ou uma construção abstrata

qualquer, como composições musicais, programas de rádio, etc. (SCHAFER, 1977, p. 274-275).

Sobre esses estudos, algumas definições merecem ênfase por se tratarem de aspectos que definem determinadas áreas de atuação referentes à paisagem sonora. Dentre os quais se destacam o conceito de ambiente sonoro *hi-fi* (alta fidelidade) e *lo-fi* (baixa fidelidade). O *hi-fi* quando aplicado a paisagem sonora pode ser compreendido como um som que pode ser facilmente identificado pelo fato de não possuir nenhum ruído dividindo o ambiente na mesma intensidade (SCHAFER, 1977, p. 43). Por exemplo, uma casa onde habita um recém-nascido que no silêncio da noite começa a chorar e os seus pais rapidamente identificam o choro e sabem que se trata de sons proferidos pelo filho.

A *lo-fi* por se tratar de uma definição de baixa qualidade em um ambiente repleto de diversidade sonora, é possível imaginar um lugar em conflito armado onde diversos disparos de armas de diferentes calibres estão vindos de diversas direções. Resultando em uma possível dificuldade das unidades em identificar a origem dos tiros para buscar abrigo ou revidar a agressão. Dando continuidade, a necessidade de conhecer os conceitos supracitados é a importância que em uma análise de um ambiente acústico a classificação de som de alta ou baixa fidelidade poderá ajudar a identificar os componentes de uma paisagem sonora independente do lugar que esteja ocorrendo à pesquisa.

Sobre isso, diante da exposição supracitada do conceito de paisagem sonora, vale destacar a relação com o que foi discutido com base nos relatos dos integrantes do Comando de Operações Especiais do Exército Brasileiro. Tratando a respeito do ambiente sonoro direcionado às vivências durante a Missão de Paz no Haiti com a ONU².

Mas antes, é importante conhecer parte da doutrina de Operações Especiais e os elementos de Operações Especiais do Exército Brasileiro que atuaram na missão de paz

² A Organização das Nações Unidas ou ONU tem por objetivo reunir os países integrantes com o intuito de discutir problemas de natureza mundial para chegarem a soluções que ajudem toda a humanidade. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/onu.htm>. Acesso em: 11/08/2021.

do Haiti formando o DOPaz: os Comandos e os Forças Especiais do Brasil. Segundo o Manual de Campanha de Operações Especiais do Exército Brasileiro as Operações Especiais são por definição:

Operações conduzidas por forças militares especialmente organizadas, treinadas e equipadas, em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis, visando a atingir objetivos militares, políticos, psicossociais e/ou econômicos, empregando capacitações militares específicas não encontradas nas forças convencionais. Podem ser conduzidas de forma singular, conjunta ou combinada, normalmente em ambiente interagências, em qualquer parte do espectro dos conflitos. (BRASIL, 2017)

Já o conceito de Forças de Operações Especiais é:

São forças destinadas à execução das Operações Especiais: frações de Forças Especiais, Comandos e os seus apoios que possuem habilitações e especializações para operar em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis. As F Op Esp, em termos gerais, podem ser caracterizadas por serem tropas de altíssimo desempenho que realizam missões especiais baseadas em suas capacidades específicas. Também são consideradas F Op Esp as tropas especiais análogas das demais Forças Singulares. (BRASIL, 2017)

Sobre as tropas de Comandos:

Os Comandos tem como missão realizar ações de captura, resgate, eliminação, interdição e ocupação de alvos compensadores do ponto de vista estratégico, operacional ou tático, situado em área hostil ou sob controle do inimigo, em tempos de paz, crise ou conflito armado, visando contribuir com a consecução de objetivos políticos, econômicos, psicossociais ou militares. Para cumprir tais missões, o batalhão é moldado de forma a ter garantidas as seguintes possibilidades: - realizar infiltrações e exfiltrações terrestres, aéreas e aquáticas; - atuar em qualquer ambiente operacional, particularmente em regiões semiáridas, de montanha, de planalto e de selva; - conduzir o fogo terrestre, aéreo e naval; - participar em conjunto com outras F Op Esp, de operações contraterrorismo e de guerra irregular; - realizar operações contra forças irregulares; - realizar operações de reconhecimento especial, principalmente em proveito próprio; - realizar outras operações de inteligência de combate; - assessorar outras forças quanto ao emprego dos elementos operacionais de Comandos. Disponível em: <http://www.ciopesp.eb.mil.br/en/curso-de-aco-es-de-comandos.html>. Acesso em: 26/08/2021.

Sobre os Operadores de Forças Especiais

São especialistas em Guerra Não Convencional, Reconhecimento Especial, Operações Contra Forças Irregulares e Contraterrorismo.

Organizam-se em Destacamentos Operacionais de Forças Especiais, podendo ser empregados em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis. O Destacamento Operacional de Forças Especiais é capaz de estabelecer e cultivar laços de confiança com a população local a despeito das barreiras culturais, apoiando ou evitando uma confrontação militar formal, com repercussões nos níveis político e estratégico do conflito. Os Forças Especiais são caracterizados por serem um grupo de elite de altíssimo desempenho que cumpre missões e tarefas em áreas profundas, além das capacidades das forças convencionais. Estas frações são exclusivamente especializadas, organizadas equipadas e empregadas de acordo com as seguintes condicionantes: capacitação em línguas estrangeiras, compatibilidade étnico-cultural com a região de emprego, habilidade de percepção dos traços culturais locais, preparação para adaptar-se ao contexto político local, especialização em mediação e negociação e proficiência na coordenação de interações e aplicação de avançadas tecnologias. Disponível em <http://www.ciopesp.eb.mil.br/en/curso-de-forcas-especiais.html>. Acesso em: 26/08/2021

O DOPaz foi composto por 24 militares para o Haiti, sobre o Destacamento Operacional de Paz, o grupo tinha os militares sendo distribuídos em Estado-Maior formado por 4 oficiais, 4 sargentos especialistas em demolições, saúde, armamento e comunicações, 4 sargentos auxiliares de inteligência, 6 cabos e soldados auxiliares dos especialistas e 6 oficiais e sargentos caçadores³. (BRABAT 26, 2017)

Tendo como objetivo em solo Haitiano durante a estabilização do país, o DOPaz realizou ações de inteligência operacional⁴, reconhecimento e avaliação de área e a continuidade do adestramento das tropas convencionais. Além disso, o destacamento prestava auxílio ao comando do BRABAT⁵ em referência aos assuntos de inteligência e atualizações pertinentes ao teatro de operações no Haiti. (PORTUGUÊS, 2017)

³ Caçador de Operações Especiais é o militar habilitado a efetuar disparos precisos à longa distância, a comando ou não, em alvos pré-determinados, escolhidos ou de oportunidade. Devido à complexidade das ações existia a necessidade de apoio de caçadores para a proteção das equipes em terra que estavam se deslocando em terreno hostil, possibilitando a notificação dos times em solo sobre eventuais ameaças e a eliminação destas. http://www.ciopesp.eb.mil.br/en/?option=com_content&view=article&id=231. Acesso em: 26/08/2021

⁴ A Inteligência Operacional nas ações militares de Operações Especiais abrange níveis táticos, operacionais e estratégicos visando a capacidade de obter dados não disponíveis e protegidos em ambientes hostis ou sob controle do inimigo. (BRASIL, 2017)

⁵ Batalhão de Infantaria de Força de Paz.

Ademais, o destacamento teve como atividade fim o engajamento direto nas situações mais críticas de conflito armado, captura de criminosos locais, e a garantia das ações dos batalhões convencionais e administração dos adestramentos para as unidades comuns, destacando a presença fundamental para o bom andamento da missão. (PORTUGUÊS, 2017)

A respeito do Ambiente Operacional Contemporâneo⁶ no contexto de Operações Especiais, é válido destacar que devido às instabilidades presentes nessas localidades ocorre uma elevação do grau da complexidade da missão. Sobre isso, as situações de conflito são caracterizadas por sua longa duração, natureza crônica, baixa intensidade e impacto difuso (BRASIL, 2017).

Dando continuidade, é importante ressaltar que devido à evolução das características dos combates atualmente, as Forças de Operações Especiais possuem influência ímpar ao serem inseridas nesses ambientes desestabilizados. O motivo pode ser compreendido através das estratégias de emprego de unidades de Operações Especiais, que visam o sigilo desde o planejamento até a execução, e também podem atuar no contexto de prevenção de ameaças, de gerenciamento de crises e/ou de solução de conflitos armados (BRASIL, 2017). Além disso, possuem emprego variável no tempo, dependendo da necessidade da missão. Por exemplo, na Missão de Paz no Haiti, que após a inserção do primeiro DOPaz, o destacamento se manteve ativo até o término da missão, realizando apenas a troca de efetivo.

Sobre o preparo do Ambiente Operacional pelas Forças de Operações Especiais, as ações visam atitudes no geral não militares, pelo objetivo de identificar possíveis problemas que comprometam as futuras operações militares, reduzir oposições de naturezas políticas e sociais e cessar a continuidade de situações que possam agravar a crise local ou eclodir num conflito armado. Em consequência, para o êxito dessas ações de organização do Ambiente Operacional, é necessário que as Forças de Operações Especiais estejam em sintonia com os meios civis, forças aliadas e tenha ciência também das características das forças adversas. Devido a natureza dos conflitos

⁶ A Caracterização do ambiente operacional segundo o Manual de Campanha de Operações Especiais possui 3 dimensões divididas em humana, física e informacional e devido a isso o ambiente é caracterizado como complexo, heterogêneo, mutável, dinâmico, instável, imprevisível, ambíguo, não contíguo e não linear. (Brasil, 2017) A identificação dessas características podem ser compreendidas no cenário do Haiti que culminou na ocupação por parte das Nações Unidas.

irregulares a exigência das Forças de Operações Especiais aumentaram por causa do amplo emprego nas ações de GLO⁷, contraterrorismo e ações sob o amparo de órgãos internacionais, por exemplo, a ONU. Por fim, os fatores de êxito das Operações Especiais são vastos, mas se definem em algumas palavras: superioridade relativa, simplicidade no planejamento, repetição na preparação, segurança, oportunidade, sigilo, surpresa, eficiência, rapidez e o propósito.

É válido lembrar que os fatores de êxito das Op Esp são elementos únicos pertinentes a execução de ações por parte de F Op Esp, unidades que estão aptas a realizar esse tipo de ação com o máximo de eficácia. (BRASIL, 2017) A seguir, a reta final deste artigo relembra e faz uma conexão com a linha de raciocínio a cerca da paisagem sonora com as situações de conflitos armados vivenciados por integrantes do DOPaz no Haiti.

Retomando as ideias abordadas na primeira parte do artigo a respeito da discussão sobre o conceito de paisagem sonora, Schafer em A Afinação do Mundo apresenta que devido aos avanços industriais e tecnológicos, os sons ao redor do mundo aumentaram de proporção de tal forma que dificulta as percepções do que deve e o que pode ser ouvido em determinado ambiente. (SCHAFFER, 1977) Isso reluz ao cenário caótico dentro do campo de batalha tendo em vista a necessidade dos militares em captar e dar ordens, identificar através da sonoridade ouvida a direção dos tiros para se abrigar ou revidar, fora os outros integrantes da paisagem sonora: moradores locais em desespero, membros de gangues em investidas contra a ONU, feridos de ambos os lados e demais atores do cenário de conflito armado. Além disso, é interessante observar que os ruídos produzidos na guerra possuem uma superioridade em relação aos sons da natureza devido a sua força de expressividade a respeito das características dos fatos alusivos ao combate.

Outro ponto importante possui vinculação às questões de poder a partir dos sons, desde os tempos passados os ruídos fortes evocavam o temor e o respeito nos primeiros tempos (SCHAFFER, 1977, p. 113). Sobre isso e trazendo para o contexto do Haiti é

⁷ Garantia da Lei e da Ordem

válido observar o som produzido pelas armas, no qual os tiros ensurdecedores podem criar situações de pânico, tensão, respeito e legitimação por aqueles que detêm o poderio bélico e ditam os meios normativos de determinada área respeitando, confrontando ou não os pilares institucionais de um Estado. Além disso, é válido observar que as relações de poder criadas pelas armas, pela sua capacidade de expressão e imposição tendo em vista a sua potencialidade, letalidade e barulho de alto poder intimidador na dimensão tática e territorial, faz com que as vozes daqueles que sofrem, sejam abafadas por tamanha agressividade e horror dentro do campo de batalha.

Sobre isso, é interessante observarmos o cenário caótico dentro de um conflito armado a partir dos relatos de integrantes do DOPaz que vivenciaram a experiência em combate durante a Missão de Paz no Haiti, destacando as suas particularidades sobre a ótica de cada operador especial. Cabe ressaltar que os testemunhos neste trabalho não vão seguir a ordem cronológica, eles apresentam opiniões distintas, porém semelhantes ainda que os mesmos sejam integrantes da mesma tropa especializada. Além disso, por razões de proteger a identidade pessoal tendo em vista as peculiaridades dos integrantes das Operações Especiais, os nomes dos informantes e os anos das ações são fictícios.

O primeiro informante que será alcunhado de Dias Cardoso narra e explica como funciona a preparação propriamente dita antes da ida para as incursões, o durante e o depois do cumprimento da missão e a sua sensação pessoal durante e após a operação. Sobre isso, ele informa o seguinte:

Toda missão nossa no Haiti, nós temos uma preparação antes, a equipe que vai partir tem um *briefing* antes da missão e na sala de preparação a gente aborda toda a trajetória da missão e isso acontece antes da partida, o *briefing* tem o intuito de situar o que cada um vai fazer propriamente dito na ação. Feito isso a gente equipa, da o pronto dentro das equipes, cada um dentro da sua especialidade da o pronto com “ok”, checa o rádio de todo mundo, o especialista em armamento antes de embarcar nas viaturas ele dá o último “check” de armamento e munição, embarca e parte para missão. Patrulhando em Boston no ano de 2016, a minha equipe “Delta” foi desovada em um determinado local, depois partimos a pé e as viaturas seguiram para uma base mais próxima desse lugar e nós progredíamos durante a madrugada patrulhando por becos e vielas, verificando tudo e sabendo que naquela área por ser considerada “quente” a qualquer momento poderia haver um confronto ou uma rendição. Prosseguindo no patrulhamento, eu estava na ponta da minha equipe e após quase 1

hora incursionando naquela localidade, fomos para a rua principal dessa comunidade e tinha alguns postes com luz e outros não, segui na ponta progredindo e em um determinado lugar eu vi uns vultos saindo de um beco e vindo para rua, fui me aproximando, chegando mais perto e quando percebi que eram pessoas, acendi a lanterna do meu fuzil e visualizei 4 homens armados de fuzis oferecendo risco eminente para o destacamento, automaticamente como eu identifiquei, atirei primeiro. Iniciado o tiroteio, logo em seguida um integrante da minha equipe foi para o outro lado da rua e fez esse combate comigo, a partir dali os homens armados foram baleados e ao chegar ao local onde eles estavam, identificamos rastros de sangue, confirmando que eles conseguiram se evadir e após isso, o comandante da minha patrulha decidiu acionar o resgate para poder sair daquele lugar. Chegando à base, eu estava tranquilo, mas geralmente quem não está acostumado e quando participa de uma situação dessa pela primeira vez fica tenso, a gente que já está acostumado com esse realismo, essa troca, ou seja, dando tiro ou recebendo tiro, nós temos que ficar tranquilos, ligados, antenados, mas tranquilos. Após essa ocorrência, eu fiquei sabendo que 3 homens faleceram e 1 estava internado ainda, mas a minha mente, cara, estava tranquila, missão cumprida e assim é a mente de um combatente, a mente de um profissional. No combate, se eu falar para você que eu não fiquei tenso eu estou mentindo, a gente fica tenso para não acontecer nada com ninguém da nossa equipe, mas graças a Deus, devido aos treinamentos, nosso equipamento e a nossa capacidade mental, intelectual e psicológica, nós estamos preparados para tudo, até para sermos alvejados, nós estamos, nós temos que manter a tranquilidade para poder saber onde que o companheiro ou a própria pessoa que está na ponta foi alvejada, se é muito grave ou se não é ou se da para prosseguir ou se tem que chamar apoio e aí prossegue. Se for muito grave a gente isola a área e faz um 360º, socorre o companheiro, conforme for à gente pede retraimento, ambulância para poder levar o mais rápido possível esse companheiro para o Hospital, mas de antemão eu te falo, cabeça tranquila porque a qualquer momento que você está patrulhando tudo pode acontecer, você pode ser surpreendido ou surpreender, então o treinamento serve pra isso, combate, instruções, tranquilidade. E essa exposição sonora do tiroteio também não interfere em nada, por isso que os treinamentos tem que ser constantes, você acostuma com o barulho do seu fuzil, nós de 2 em 2 dias íamos para o estande de tiro, exercitávamos o tiro real ou a seco, então, isso ali para gente, o ato do primeiro disparo é sinal que a coisa já está doida, entendeu? Então o barulho não afeta muito, a concentração naquilo que nós vamos fazer tem muito profissionalismo e outra coisa, a equipe é um tomando conta do outro, eu estava na ponta, mas o último estava tomando conta da retaguarda, mesmo escutando os primeiros tiros que saíram da frente, o cara de trás já sabe, ele tem ciência que está acontecendo alguma coisa na frente, mas ele tem que ficar antenado atrás, não é todo mundo voltar para frente e deixar a retaguarda livre, aquele que ficou por último, a missão dele mesmo tendo um confronto na frente, ele escutando o tiro e não vindo de trás ele mantém a posição dele, tendo cuidado com a frente, sempre de olho para ver o que está

acontecendo, mas a missão do último do homem é cuidar da nossa retaguarda. Claro que dentro de um tiroteio, de um confronto, todo mundo fica tenso, mas conscientes e sabendo de tudo o que está acontecendo e é só botar em prática tudo aquilo que nós treinamos, o que a gente acredita, o que nós somos fiéis para fazer, então no outro dia eu estava tranquilo, aquilo ficou para trás e vamos pensando nas próximas missões, quando tudo acabou eu só agradei a Deus pela missão cumprida, a equipe “ok”, todos que foram voltaram, então é isso que é mais importante, “comandos”. E após o combate é tranquilo, nós temos o *debriefing* da missão assim que a gente chega e no outro dia nós vamos relatar para toda a equipe, mas nem sempre vai todo mundo, eu só estava com a minha equipe “Bravo”, mas dependendo da missão vão 3 equipes, 1 equipe, e nesse dia só estava a minha e nós realizamos o *debriefing*, contamos munição, verificamos se perdemos alguma coisa e depois a gente faz um relatório para mandar para o escalão superior, após isso é banho, descanso ou comer alguma coisa. Além disso, nós temos psicólogos, toda missão no exterior que tem confronto ou aqui no Brasil, uma equipe de psicólogos conversa com a gente para saber como está a nossa cabeça, como estamos reagindo após o combate, mas para uma equipe que está acostumada com o combate, isso aí é só glória, mas tenso nós ficamos sim, pois a qualquer momento pode haver tiroteio, granadas explodindo, então a gente fica tenso na missão, mas é de cumpri-la, para tudo dar certo, a equipe tem que ir junto, voltar junto, ninguém pode se machucar, mas tudo pode acontecer e após a missão, o *debriefing*, a cabeça fica tranquila e prosseguindo nas próximas missões, é assim que eu via, é assim que eu pensava, é assim que eu agia, em todos os confrontos ali fui só com aquele dever de missão cumprida, então eu voltei bem, com a cabeça boa, não tive surto nem nada.

Com base no relato abordado anteriormente, é possível realizar uma análise sobre o ambiente sonoro dentro de um conflito armado, a respeito disso é válido observar os conceitos de Gibson sobre a audição incorporada e situada nos ambientes sonoros. É interessante examinar que durante o deslocamento a pé do destacamento, a disciplina de sons e ruídos é imprescindível para garantir o sigilo e a surpresa, mas com base no relato ao identificar uma possibilidade de um disparo ocorrer por parte das forças adversas, merece ênfase o conceito da invariante transformacional (GIBSON, 1966) ao evitar o ataque de um objeto sonoro no ambiente (disparo). Dias Cardoso ao identificar as ameaças já teve uma reação comportamental (GIBSON, 1966) se prevenindo dos possíveis efeitos colaterais se por ventura algum disparo viesse a atingir algum integrante da equipe, sobre isso é possível identificar que os fatores de êxito das Op Esp possuem vínculo com o padrão comportamental criado a partir da invariante transformacional (GIBSON, 1966) em relação ao distúrbio mecânico que o cenário de

batalha pode produzir (TOFFOLO, OLIVEIRA, ZAMPRONHA, 2003). Dando continuidade, os dois próximos relatos apresentam experiências que ocorreram no ano de 2015, porém em meses diferentes, mas no mesmo lugar que será apresentado a seguir. Cabe ressaltar que as vivências dependendo do convívio com o cenário de batalha, mudam a partir das particularidades de cada combate e o seu contato repetitivo com situações dessa natureza. O relato do próximo transmissor, chamado de Gilberto informa que:

Em 2015 na cidade de Belecure, na capital do Haiti, Porto Príncipe, nós fomos fazer uma patrulha pelo fato de ter um alvo significativo que nós fomos procurar e nos deparamos com alguns homens armados de fuzil e pistola nessa cidade, em específico numa rua que fica entre Belecure e Boston que na época eram rivais. E nessa rua assim que os homens armados nos avistaram, já abriram fogo contra o destacamento que estava fazendo essa infiltração ali, houve aquela troca de tiros, aquele fogo cruzado ali e foi até intenso, não durou muito tempo, mas foi bem intenso, e assim, nós sabemos né cara, atirar e sabemos o que nós estamos fazendo né, eles não tinham essa preocupação, mas após essa situação nós fomos ver o lado deles, alguns elementos foram baleados, outros vieram a óbito. E a sensação que fica depois é uma situação muito complicada, porque é você acertando ou tirando a vida de alguém, combatendo pessoas iguais a você, né cara, e realmente fica uma situação ruim porque você vê aquela pessoa ali, ferida, abatida e você pensa que poderia ser você e fica uma situação ruim para você depois tirar essa imagem da sua cabeça, a imagem daquilo que você viu ali e também o pensamento né cara, poderia ser você, poderia ter sido você estar naquela situação que aquela pessoa do outro lado estaria. E o barulho também te deixa meio atordoado e é difícil de apagar da mente também.

A cerca das informações anteriores é possível observar a paisagem sonora no seu aspecto mais negativo a partir do contexto do cenário de batalha. Em consequência, o relato de Gilberto sobre um conflito armado com as gangues no Haiti durante uma ação do DOPaz, apresenta os impactos iniciados a partir do engajamento direto com o emprego de armas de fogo. Sobre isso, é notório que o resultado produzido pelas armas por mais que atinjam a sua atividade fim, seja para ataque ou defesa, exhibe o DOPaz a uma exposição sonora e visual que poderá marcar as suas memórias positiva ou negativamente pelo resto de suas vidas tendo em vista que a paisagem sonora é composta por uma série de relações entre sons, objetos e seres que compõem o ambiente. Além disso, também merece destaque a manifestação acústica (WESTERKAMP, 1991) a partir do momento que os membros das gangues avistaram o

destacamento já abriram fogo, contribuindo para caracterizar aquela determinada localidade como uma paisagem sonora a partir dos sons produzidos pelas armas de fogo.

Por fim, o último relato a respeito dos conflitos armados presenciados no Haiti será testemunhado a partir da vivência de Padilha, inclusive a sua primeira situação de combate real em solo estrangeiro, sobre essa experiência ele narra que:

Isso foi no ano de 2015, eu cheguei ao Haiti em junho, a missão foi em Belecure, uma periferia do Haiti. A sensação de estar saindo de dentro do BRABAT né, do batalhão para uma missão de confronto, a adrenalina é cinco vezes maior do que se você estiver dentro de um avião para poder saltar de paraquedas, porque quando você está ali pegando os seus carregadores, que eram seis, fora o da arma, o de pistola eram três, e isso já dava uma adrenalina do caramba só para você sair da base. A primeira situação que eu tive foi quando nós estávamos fazendo uma patrulha e do nada fomos acionados por ter um Grupamento de Combate da Cavalaria que tinha sido encurralado lá em Belecure, que era uma área semelhante a uma favela do Rio de Janeiro. E nisso os caras foram fazer uma patrulha e foram encurralados e lá no Haiti nós éramos como se o BOPE fosse, saía e fazia patrulha em todo território haitiano, então nós fomos convocados para ir para lá. Chegando, vimos a patrulha encurralada e começou o confronto, o meu primeiro no Haiti, cara quando eu vi um homem dando tiro com revólver calibre .38 em cima dos caras da cavalaria, eu saquei o fuzil e naquela hora foi colocar em prática tudo o que a gente vem aprendendo e tudo o que nós treinamos antes de ir para missão. Ai o primeiro tiro que eu acertei no cara, tu fica estatelado, a adrenalina vai de 0 a 1000 entendeu, porque querendo ou não você não está adaptado a tirar uma vida independente da onde for, então o primeiro cara que eu acertei, irmão, a tua pupila dilata, ai tu parte pra cima com os camaradas em volta e quando quebra o sigilo não tem mais silêncio, é o tiro comendo e é uma situação surreal. Na hora que o tiro está cantando, é engraçado que você só ouve a voz dos seus companheiros, você não ouve tiro, porque no treinamento é justamente isso né, você só ouve “vamos lá”, “pra cá”, “pra lá”, “entrei”, “limpo” e você não consegue ouvir tiro, não consegue ouvir se alguém do outro lado está gritando ou gemendo, você não consegue ouvir isso, só o seu companheiro do lado e progredir, a concentração é tanta que você não ouve tiro em volta. Primeira coisa: você quer cuidar de você e quer cuidar do seu companheiro, não tem outra coisa entendeu, essa foi a minha forma de sentir e a adrenalina quando o tiro está comendo, é você ficar ligado o tempo todo, mas tenso, tenso irmão, é surreal. E o prêmio maior disso tudo não é nem alvejar ninguém, porque nesse dia eu alvejei um e o camarada alvejou outro, mas foi resgatar a equipe que estava encurralada, o prazer todo foi esse, chegar ao batalhão e olhar aqueles camaradas que você resgatou e eles vierem te agradecer é surreal. Depois de todo o acontecido, que

you go to the lodging, that you think about the mission and what happened, then you look and think about my God in heaven, it's a difficult thing to remember, but I know there, it could be something of a madman, but the desire that gives you is to go back there from scratch, it's a feeling of mission fulfilled, it's something of "crazy dog", until after that I had others, various, but the first was the feeling of wanting to go back to the *front* from scratch, of you being there, with the gun eating, in others I already started to hear, to get involved in things, but the first you enter in *ecstasy*, you only hear your companions, the gun that is next to you doesn't matter, it doesn't interest, right? I think that's why the face in missions when it's intense and the face doesn't feel, because the first *front* the adrenaline is that one equal before jumping out of the plane, but it's five times more because the gun is eating.

Based on the previous information, it is notorious that the sound landscape and the environment in the armed conflict impact in various ways the people involved in this process. From here it is possible to perceive with the report of Padilha that in his first action in combat with the DOPaz it was possible to identify the concepts of Schafer about definitions and qualifications of the sound environment. Initially, it is worth highlighting that taking into account the adrenaline involved in a real combat, among the factors of success of Special Operations what stands out is the factor of repetition in preparation, taking into account that when starting the shooting, it is more chaotic than the situation would be for a first armed conflict and for more than that the real scenario left him in *ecstasy*, Padilha was attentive to orders and to the directions within the detachment.

From here it is possible to understand the ideas of Schafer about the sound environment of high and low fidelity. Returning to the last paragraph of the previous text and to the last report, Padilha, when talking about starting the armed confrontation and informing about the impossibility of hearing the shots, only the voices of his companions, it is interesting to classify in a sound environment of high fidelity, even when dividing the sound of the shots, the only thing that he managed to hear in that initial moment of the confrontation were the speeches of the members of the DOPaz. Moreover, it is also valid to observe that with the unfolding of the actions and as he gets involved with the various missions, the tendency of the sound landscape inside an armed conflict is to transform into a definition of low fidelity for various reasons taking into account that the perceptions inside the shooting increase by managing to hear not only the voices of the companions, but the whole sound environment of the battle scenario.

Sobre as premissas abordadas anteriormente com as ideias apresentadas no decorrer deste artigo, é possível chegar às conclusões para compreender as dimensões da Paisagem Sonora dentro do campo de batalha. Sobre isso, um dos objetivos deste trabalho teve por finalidade trazer a tona mais um conteúdo a respeito da missão de paz no Haiti no qual o Brasil foi um dos principais protagonistas, mas trazer principalmente a ótica dos integrantes das Operações Especiais do Exército Brasileiro dentro de um conflito armado. Além disso, realizar principalmente uma reflexão a partir de um ponto de vista mais direcionado para os símbolos que compõem os conflitos armados e os seus participantes diretos e indiretos. Além do mais, independente de cada nação possuir os seus problemas pessoais, a linguagem das armas é mundial e reconhecível acusticamente em qualquer lugar do mundo. No Brasil, em específico o Rio de Janeiro, por exemplo, as pessoas que residem em áreas dominadas pelo crime organizado já possuem a capacidade de identificar o som dos tiros e tomar alguma atitude para se proteger durante os conflitos armados entre os grupos rivais ou as ações do Estado através das incursões policiais.

Em consequência, o simbolismo referente ao som produzido pelas armas pôde ser compreendido através das ideias dos demais autores mencionados no decorrer do artigo a respeito da paisagem sonora e por último de Murray Schafer em Vozes da tirania: templos de silêncio. No livro é evidenciada uma interpretação a partir de políticas musicais praticadas durante a 2ª Guerra Mundial, no qual a música foi utilizada para fins de Guerra Psicológica contra a Alemanha nazista com o intuito de influenciar a população local através dos seus meios culturais. A relação desse livro com o artigo pode ser esclarecida pelo fato de existirem dois lados no Haiti que possuíram os meios que asseguraram e disputaram o controle local: de um lado as gangues locais, e do outro as forças da ONU.

Em suma, o som da guerra e os conflitos armados propriamente ditos continuarão a fazer parte da conservação das políticas através dos meios que mais levam os homens ao limite da humanidade em prol de interesses de pessoas e ideias que expõe a civilização a tamanha agressividade e violência. Sobre isso, é possível chegar à conclusão de que a depender de quem possuir as armas e o que elas representam dentro de cada contexto social, elas podem ser interpretadas e utilizadas como sinônimos de

liberdade ou de opressão a partir das suas legitimações dentro de cada ambiente e da sua atividade fim, os tiros.

Bibliografia:

SCHAFER, R. Murray: A afinação do mundo. São Paulo: 1997.

SCHAFER, R. Murray. Vozes da tirania: templos de silêncio. São Paulo: 2019.

ABREU, Thiago Xavider de. Ephtah!: Das ideias pedagógicas de Murray Schafer. São Paulo: 2014.

SILVA, André Barbachan. Qual o som deste lugar? Investigações poéticas acerca da paisagem sonora. Pelotas: 2016.

MENEGUELLO, Cristina. Das ruas para os museus: a paisagem sonora como memória, registro e criação. Caxias do Sul: 2017

FORSTER, Susan Christina. O som do Mal: O Poder de Dominar. São Paulo: 2008.

TOFFOLO, Rael B. Gimenes. OLIVEIRA, Luis Felipe. ZAMPRONHA, Edson S. Paisagem sonora: uma proposta de análise. São Paulo: 2021c.

JOSÉ, Carmen Lucia. SERGL, Marcos Julio. Paisagem Sonora. 2021c.

ARAGÃO, Thais Amorim. Paisagem sonora como conceito: tudo ou nada? Ceará: 2019.

RADICETTI, Felipe. Escutas e Olhares Cruzados nos Contextos Audiovisuais. Curitiba: 2018.

GIBSON, J. J. The Senses Considered as Perceptual Systems. Hillsdale: Houghton Mifflin Company, 1966.

GIBSON, J. J. Ecological Approach to Visual Perception. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1979/1986.

WESTERKAMP, Adam P. Hildegard. The Soundscape Newsletter, Canada: 1991.

Exército Brasileiro. Revista Brabat 26. Brasil: 2017.

PORTUGUÊS, Arthur Sartori de Souza, O DESTACAMENTO DE OPERAÇÕES DE PAZ (DOPAZ) NO HAITI. Exército Brasileiro, Brasil: 2017.

Ministério da Defesa, Exército Brasileiro, Comando de Operações Terrestres. Manual de Campanha de Operações Especiais EB70-MC-10.212. 3ª Edição. Brasil: 2017.

SCHAFER, R. Murray. The World Soundscape Project. 1970: Canadá.
<https://www.sfu.ca/~truax/wsp.html>